

SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO NOROESTE FLUMINENSE

A IMPORTÂNCIA DAS SINAGOGAS PARA OS JUDEUS NO CATIVEIRO
BABILÔNICO (VI a.C.)

RAPHAEL GUIMARÃES NOVATO RABELO – 8. PERÍODO

ITAPERUNA
2015

SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO NOROESTE FLUMINENSE

A importância das sinagogas para os judeus no Cativoiro Babilônico (VI a.C.)

Raphael Guimarães Novato Rabelo – 8. Período

Monografia apresentada ao Professor Pastor Rômulo Vinícius Dias, da cadeira de Técnicas Monográficas, do Curso de Bacharel em Teologia do Seminário Teológico Batista do Noroeste Fluminense, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Dedico este trabalho ao Deus Único e digno de toda honra e glória. À minha esposa, família, pastores e amigos. À amada Segunda Igreja Batista em Itaperuna.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus vivo, pela minha salvação, chamado pastoral e por me capacitar para a realização deste trabalho e conclusão do curso de Teologia.

À Segunda Igreja Batista em Itaperuna, pelo apoio que recebi no meu seminário, pela confiança, estágio supervisionado, oportunidade de realização e conclusão do curso; aos meus pastores: Arlenio Alves Machado, Mauro Sérgio e Eduardo Fettermann; aos ministros: Kênia Coutinho, Kamila Ladeira Hecht, Ana Maria Bernardo e Andrea Cunha; e todos os funcionários da SIBI.

Aos meus familiares que auxiliaram, dando compreensão e apoio.

Ao meu orientador, professor e pastor amigo, Ronaldo Viana, por toda confiança, apoio espiritual, técnico e bibliográfico.

Aos meus amigos e irmãos em Cristo; aos colegas de sala; à D. Regina, diretora da escola onde trabalho; ao Dr. Assis Júnior, amigo e revisor ortográfico.

Ao corpo docente, funcionários e amigos do Seminário Teológico Batista do Noroeste Fluminense (STBNF), que tanto me instruíram, capacitaram e incentivaram neste período (2012-2015), como aluno desta abençoada instituição.

RABELO, Raphael Guimarães Novato.

A importância das sinagogas para os judeus no Cativoiro Babilônico (VI a.C.), Itaperuna, STBNF, 2015, 47 p.

Monografia

1. O contexto histórico da Babilônia; 2. O contexto histórico de Israel;
3. As sinagogas; 4. A queda do Império Babilônico e o retorno dos judeus.

SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO NOROESTE FLUMINENSE

A importância das sinagogas para os judeus no Cativoiro Babilônico (VI a.C.)

Raphael Guimarães Novato Rabelo – 8. Período

Aluno

Professor

Grau

Data

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
I. O CONTEXTO HISTÓRICO DA BABILÔNIA	12
II. O CONTEXTO HISTÓRICO DE ISRAEL	22
III. AS SINAGOGAS	31
IV. A QUEDA DO IMPÉRIO BABILÔNICO E O RETORNO DOS JUDEUS	38
CONCLUSÃO	44
BIBLIOGRAFIA	45

RESUMO

O surgimento das sinagogas ainda é algo bastante discutido no meio acadêmico teológico e também secular. O objetivo desta pesquisa é trazer argumentos que corroborem com o tema, o qual busca discutir e apresentar a importância das sinagogas judaicas que surgiram durante o Cativo Babilônico, no século VI a.C. Os métodos de análises empregados nesta pesquisa foram os levantamentos bibliográficos e Bíblicos, de forma a conseguir indícios que apontem para a hipótese central. Os resultados encontrados foram relevantes.

Foi necessário abordar o contexto histórico, político, religioso, cultural e social da Babilônia, nação que despontou como dominadora daquela época; o mesmo levantamento foi feito em relação a Israel, porém, acrescentando os motivos que levaram a nação de Judá cativa mediante autorização e plano de Deus; com a religião destruída, o Templo derribado e a cidade de Jerusalém devastada, os judeus se viram perdidos, entretanto, foi nesse ínterim que surgiram as sinagogas, como local de estudo, ensino da Lei e donde veio a raiz litúrgica de muitas igrejas no decorrer da história; finalmente, com o conhecimento correto dos princípios do Senhor, a idolatria no meio dos judeus foi abandonada, e os setenta anos do exílio se findaram conforme a profecia de Jeremias e, com isso, o povo retornou à Judéia em três oportunidades, porém, somente o primeiro retorno imediato após o decreto de Ciro será abordado ao final desta pesquisa.

Deus é o maior Teólogo que existe, escreveu o melhor livro de Teologia. Enviou Jesus para nos ensinar Teologia na prática, aulas de campo, aplicação da Teologia de Deus de uma forma que pudesse ser ouvida, sentida, experimentada. Enviou o Espírito Santo para ser o nosso guia, para que fosse um luzeiro e com a sua poderosa luz nos permitisse estudar, aprender e praticar a Teologia de Deus.

(Pr. Samuel Amaro)

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem interesse em demonstrar a importância da Babilônia na história dos judeus em relação à criação das sinagogas, o que isso implicou no contexto judaico e, por conseguinte, em nosso contexto. Foram nas sinagogas da Babilônia que o politeísmo foi curado, e que surgiram as ideias litúrgicas de ensinos, louvores, orações e pregações. Este é um levantamento teológico e histórico sobre a valorosa prática do estudo da Lei nas sinagogas junto ao povo, após a ida dos judeus para o Cativeiro Babilônico, no século VI a.C.

O próprio tema repercute positivamente na história. Este assunto é obrigatório em todo círculo acadêmico teológico e secular, e a sua própria contribuição é relevante na formação desta pesquisa, pois engloba as hipóteses de que as sinagogas surgiram na época Neobabilônica, e que o conhecimento existente atualmente de liturgia veio desse contexto.

A pesquisa tende a mostrar o valor do Império Babilônico como educador do povo judaico, e como as sinagogas foram importantes no decorrer da história, principalmente com o abandono do politeísmo e a inovação judaica de praticar o que chamamos de homilia litúrgica.

As fontes serão essenciais para a realização da pesquisa e serão obtidas de livros que comentam sobre o assunto, a saber, a Bíblia Sagrada e livros teológicos. Alguns livros são disponibilizados na biblioteca do próprio autor, outros se encontram na biblioteca do Seminário Teológico Batista do Noroeste Fluminense (STBNF), na biblioteca de alguns pastores, livrarias e de amigos.

A pesquisa se realizará seguindo etapas próprias, a partir de algumas hipóteses norteadoras.

Leitura de textos de orientação teórico-metodológico, leitura sobre livros que tratem sobre o assunto, interpretação dos textos lidos e análise geral dos resultados.

São duas as perguntas que a pesquisa procurará responder, a partir de uma pergunta central:

Qual a importância do Cativo Babilônico na solidificação da história dos judeus e o que isso nos trouxe?

A partir dessa pergunta, decorrem as seguintes:

Por que o cativo teve papel fundamental na história do povo judaico?

Qual o valor das sinagogas para a cura do politeísmo e o futuro movimento litúrgico das igrejas no decorrer da história?

Diante dessas indagações, as hipóteses que se propõem são as seguintes:

No primeiro capítulo, indicar o contexto histórico, político, religioso, cultural e social da Babilônia, e porque o Cativo Babilônico foi importante na consolidação da história dos judeus, mediante o passo dado por Deus em mostrar ao povo escolhido o peso do pecado e da desobediência ao Senhor.

No segundo capítulo, a ideia é apresentar o contexto histórico, político, religioso, cultural e social de Israel, além de apresentar quais os motivos internos levaram os judeus ao cativo, mediante permissão e vontade de Deus.

No terceiro capítulo, mostrar a importância das sinagogas na época, como poderosos instrumentos nas mãos do Senhor para curar os judeus do politeísmo, e o valor da prática do ensino junto ao povo, além, claro, de mostrar como que através desses importantes fatos históricos o princípio litúrgico pôde chegar até as igrejas dos nossos dias.

No quarto e último capítulo, há uma abordagem sobre as causas que levaram o Império Babilônico à ruína e como aconteceu o primeiro retorno dos judeus à Judéia.

1. O CONTEXTO HISTÓRICO DA BABILÔNIA

1.1. O Império Babilônico.

É impossível tratarmos sobre a importância que o Cativo Babilônico teve na vida dos judeus, principalmente ao reaproximá-los do Senhor através do ensino que foi reafirmado a partir da origem das sinagogas, sem analisarmos e entendermos o contexto histórico, político, social, cultural e religioso deste famoso Império. Inicialmente é importante observarmos que os babilônios são originalmente descendentes de Cam, e que a nomenclatura Babilônia se refere tanto ao Império quanto à cidade. Vale ressaltar que o período escolhido ficou conhecido na história como “Segundo Império Babilônico” ou “Império Neobabilônico”.

Babilônia vem do hebraico “*Babel*”, e ironicamente significa “confusão”, pois é um termo pejorativo por causa da rebelião humana contra Deus, segundo o relato de Gênesis 11.1-9, quando os homens quiseram construir torres que chegassem ao céu, mas Deus interveio.

O nome Babilônia permeia muitos livros proféticos e históricos da Bíblia, como Reis, Esdras, Salmos, Isaías, Jeremias, Daniel, Miquéias e Apocalipse. A Babilônia foi considerada por muitos o centro do governo terrestre de Satanás por causa do tipo de culto praticado, fato que abordaremos *à posteriori*.

Sobre a cidade da Babilônia, capital da Suméria, na Antiga Mesopotâmia: “Situada nas margens do Eufrates, quase a 80 km ao sul da moderna Bagdá –

Iraque – no meio de férteis planícies, tendo perto o Golfo Pérsico, foi a cidade de Babilônia o centro de comércio do Mundo Antigo.”¹

Muitos historiadores supõem que a cidade foi fundada ao redor da torre de Babel, na Antiguidade, por volta de 2.300 anos a.C., quando a Caldéia, conhecida como Mesopotâmia (que significa “entre rios”, em referência ao Tigres e Eufrates), fora invadida pelos povos semitas que fundaram a Babilônia, tempo esse que ficou conhecido como “Primeiro Império Babilônico”. Foi nessa mesma época que surgiu o Rei Hamurábi, famoso por ter sido um imperador conquistador, mas principalmente pelo conjunto de leis chamado de “Código de Hamurábi”, que, segundo Flávio Josefo, contribuiu para influenciar os 10 mandamentos mosaicos.

Mas agora se aproximando do nosso recorte histórico (século VI a.C.), foi em 612 a.C., que Nabopolassar, imperador babilônico, unido aos medos, se levantou e destruiu a pomposa cidade de Nínive, capital do Império Assírio, restaurando assim o poderio da Babilônia, introduzindo-a mais uma vez no cenário mundial da época, cumprindo-se a profecia de Naum 2.1-12, agora como “Segundo Império Babilônico”, tornando-se então, de fato, o gigante do Oriente por 70 anos.

A Babilônia converte-se, então, em verdadeira metrópole do Oriente. Ao seu porto chegam, pelo Eufrates, os navios carregados de preciosidades da Índia. Nas suas praças aglomeram-se caravaneiros, que mantêm, entre o Oriente e o Ocidente, a corrente dos negócios. Na sua alfândega, cobram-se impostos de trânsito dos traficantes e passageiros. Esta riqueza traduz-se em obras que enchem a Babilônia de esplendor – templos, palácios, moradias de vários andares. O brilho da sua riqueza fascinava os aventureiros de todas as condições.²

¹ BUCKLAND, Augustus Robert. Dicionário Bíblico Universal. Trad. Joaquim dos Santos Figueiredo. São Paulo: Vida, 1998, p. 54.

² RUESCAS, Jesus. História Geral. São Paulo: Sivadí Editorial, 2010, p.41.

Portanto, é em meio a todo esse glamour, fascinação e opulência que surge um dos mais famosos reinados da história secular e, porque não, Bíblica: assume Nabucodonosor (605-562 a.C.), após a morte de seu pai, Nabopolassar. Seu governo estendeu-se até as fronteiras do Egito, aniquilou os fenícios, e principalmente subjugou os judeus, fato esse registrado em toda a história e também no Antigo Testamento.

O ainda príncipe Nabucodonosor (605-562 a.C.) derrotou o Faraó Neco II na Batalha de Carquemis, em 605 a.C. A partir dessa conquista, Nabucodonosor assume o controle da região Sírio-Palestina. Assim, Judá passou, depois de cerca de quatro anos nas mãos dos egípcios, para o domínio dos babilônios. Em 605 a.C., morreu Nabopolassar, pai de Nabucodonosor, então, este assumiu a posição de Rei do novo Império Babilônico que se consolidava.³

O Reino de Judá foi atacado por Nabucodonosor em três oportunidades: em 605 a.C., quando ele tomou a cidade pela primeira vez, no reinado de Jeoaquim, levando cativo jovens e príncipes para a Babilônia, inclusive Daniel (Daniel 1); depois, em 597 a.C., sob o reinado de Joaquim, Nabucodonosor invadiu Jerusalém pela segunda vez e roubou alguns objetos do Templo, e deportou homens valentes, como Ezequiel (2 Reis 24); e na última invasão, em 586 a.C., ele cercou Jerusalém, matou alguns judeus, destruiu a cidade, os muros e arrasou o Templo (2 Reis 25, Jeremias 39-43 e 52).

³ VIANA, Ronaldo. Antes de Cristo. Rio de Janeiro: Autografia, 2015, pp. 32 e 33.

Apesar do drama que se seguiu, com o povo indo ao cativeiro, em todo o tempo a boa mão de Javé esteve controlando todas as épocas de assolação contra os judeus, entretanto, sendo de fato o único Deus vivo, onisciente, onipotente e onipresente, o Senhor usou incrédulos maus e destrutivos para disciplinar o seu povo, curando-os da idolatria para viverem o monoteísmo, restaurando o ensino das Escrituras através de um local físico (as sinagogas) e preparando o caminho para a Plenitude dos Tempos (Gálatas 4.4): o envio de seu Filho, Cristo, o Messias.

Um importante destaque linguístico-social a ser feito sobre a estadia do povo judeu em meio aos babilônios foi o aprendizado e a utilização da língua Aramaica, que séculos depois viria a ser relevante no contexto da igreja Neotestamentária. Essa língua servia para o comércio e principalmente nos tratados de diplomacia (relação entre estrangeiros).

Na cultura artística, os babilônios se destacaram pelos palácios feitos de tijolos, betume (uma espécie de argamassa utilizada em vedações) e argila úmida em baixo relevo, de forma que eles representavam em gravuras a sua cultura e a sua religião. Construíram também os Zigurates com o intuito claro de fazerem observatórios para estudarem as estrelas, o eclipse, o sol e a lua. Os Zigurates eram uma espécie de templos construídos pelos povos da Antiga Mesopotâmia. Esta construção tinha o formato de uma pirâmide, porém, com a presença de uma espécie de degraus. Os Zigurates possuíam 6 andares e eram construídos de pedra ou de tijolos cozidos ao Sol. A entrada era feita no topo do templo, sendo que o acesso ocorria através de uma rampa espiralada, construída nas paredes externas. Sua função religiosa era muito importante, pois os antigos mesopotâmicos acreditavam que os Zigurates serviam de morada para os deuses. Através destas construções, acreditavam que os deuses estariam mais perto da sociedade. Logo, somente os sacerdotes poderiam acessar as partes internas dos Zigurates.

Sobre essa arquitetura dos Zigurates, Roland de Vaux faz uma interessante colocação que marcou a história do famoso monumento:

O Zigurate da Babilônia se chamava “*E-temen-an-ki*”, “Templo do fundamento do céu e da terra”. Sua base quadrada tinha 91 metros de lado e, segundo o testemunho de uma tabuinha cuneiforme e de Heródoto, sua altura pelo menos igualava esse número. Os construtores tinham procurado nela fazer seu deus mais próximo, mas a torre desabou. ⁴

Vale ressaltar que os babilônios deram importantes contribuições que usamos até os dias de hoje: uma semana com 7 dias; o dia com 24 horas; uma hora com 60 minutos; um minuto com 60 segundos; inventaram as medidas de comprimento, superfície, capacidade e peso; além, claro, de formarem gigantescas bibliotecas, como por exemplo, a do rei Assurbanipal, que continha tratados de história, plantas medicinais, animais, cartas, contratos e estudos da astrologia.

“A prática rudimentar da consulta aos horóscopos é de origem babilônica, mas acabou por se tornar popular em toda a Mesopotâmia. O horóscopo, sistema que relaciona datas e lugares geográficos à posição dos astros, prevê o futuro.” ⁵

Já na religião babilônica encontramos a adoração a muitos deuses, o chamado politeísmo. Eram considerados seres celestes e imortais, porém, eram sujeitos aos vícios e paixões humanas. O deus Marduk era o principal deles e o mais temido, principalmente quando a Babilônia começou a dominar o mundo da época.

⁴ VAUX, Roland de. Instituições de Israel no Antigo Testamento. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 320.

⁵ MASTRAL, Daniel & MASTRAL, Isabela. Rastros do Oculto. São Paulo: Naos, 2004, p. 22.

Jesus Ruescas nos apresenta uma importante dica sobre isso: “Os deuses mesopotâmicos eram, como os monarcas, déspotas sanguinários que os homens não conseguiam dominar, senão por meio de sacrifícios humanos e oferendas.”⁶

Claramente que as suas práticas estavam ligadas ao satanismo, visto que estava inserido à religião o antropozoomorfismo (imagens de homens com animais). Havia ainda o espiritismo, o ocultismo, o tarô, o encantamento e a adivinhação.

Então, por causa dessas práticas e da aparente vitória sobre os judeus, após serem levados subjugados até a Babilônia, que muitos abandonaram de vez o Senhor, visto que o deus do Império conquistador, Marduk, parecia reinar sobre o mundo, mais o fato de que os judeus pensavam que uma vez fora de Judá, e com o Templo destruído, Javé não poderia mais ser adorado. Tudo estava perdido.

A adoração ao deus Marduk era levado muito a sério pelos mesopotâmicos:

É sob a ordem de Marduk que Nabopolassar restaurou o Zigurate de Babilônia. Sob Nabonidos, Marduk faz soprar os ventos que desobstruem os alicerces do templo que se deve restaurar. Nabonidos ainda vê em sonho Marduk e Sin que lhe ordenaram restaurar um templo em Harran.⁷

Por fim, apesar da aparente desolação e solidão, foi nesse contexto que o profeta Ezequiel lembrou o povo da onipresença de Deus, principalmente com a criação das sinagogas, local onde o povo estudaria as Escrituras, retornaria a uma única adoração a Javé, e onde o avivamento (arrependimento) se faria presente, fato esse que veremos no capítulo 3 desta pesquisa bibliográfica.

⁶ RUESCAS, Jesus. *Op.Cit.*, p. 44.

⁷ VAUX, Roland de. *Op.Cit.*, p. 315.

1.2. A política do Império Babilônico.

Para tratarmos sobre a política deste Império é necessário compreendermos como ele era organizado estruturalmente, pois o entendimento desse sistema fica mais claro se atentarmos ao fato de que o monopólio do domínio humano sobre um determinado grupo muitas vezes implica em egocentrismo e loucura, até mesmo ao ponto de reis se autodenominarem deuses, principalmente a partir de seus reinados estabelecidos. Sobre a organização das cidades dessa época, observe:

“Nesse tempo, os impérios centralizados da Mesopotâmia originaram as cidades-estados. São cidades que possuíam reis e uma monarquia. É um reino de apenas uma cidade, mas com todas as implicações sociais de um governo estruturado.”⁸

Foi a partir dessa estruturação que o sistema político babilônico se formou, juntamente com as personalidades de seus líderes, do qual culminou em Nabucodonosor o seu maior expoente e desvario. Daniel 3 nos revela isso.

O rei Nabucodonosor fez uma imagem de ouro de vinte e sete metros de altura e dois metros e setenta centímetros de largura, e a ergueu na planície de Dura, província da Babilônia. Depois convocou os sápatras, os prefeitos, os governadores, os conselheiros, os tesoureiros, os juizes, os magistrados e todas as autoridades provinciais para assistirem à dedicação da imagem que mandara erguer. Ficaram em pé diante dela.⁹

⁸ MIRANDA, Valtair. Fundamentos da Teologia Bíblica. São Paulo: Mundo Cristão, 2011, p. 30.

⁹ CORPORATION, Zondervan. A História. Trad. Fabiano Morais. Rio de Janeiro: Sextante, 2012, p. 258.

Como parte da política Babilônica, Nabucodonosor, por aproximadamente 45 anos, nunca se cansou de edificar, embelezar e enaltecer seus palácios. Era uma maneira de ostentar sua importância, liderança e principalmente seu valor “divino”. Claro, “reis-deuses” são sinônimos de tudo isso. Exemplos disso foram os modernos sistemas de irrigação e diques, as fortificações, os luxuosos palácios, os Zigurates (já mencionados), os templos e os Jardins Suspensos da Babilônia. Todos esses monumentos faziam parte da administração “divina” do governo desse rei: grandiosidade, organização e luxo. Eram maneiras de consolidar e justificar publicamente sua exuberante política de governo.

Os Jardins Suspensos eram a construção mais espetacular da Babilônia, sendo considerada uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo. Nabucodonosor mandou construir esses jardins dentro dos muros de seu palácio, a fim de aliviar a saudade que sua esposa meda Amitis sentia da Média, que era um país montanhoso e tosco, muito diferente das planícies sem acidentes geográficos que cercavam a Babilônia. Nos terraços, Nabucodonosor plantou árvores, arbustos e flores, de modo que o conjunto tivesse a aparência da encosta de uma bela montanha. Os terraços eram irrigados pelo Eufrates.¹⁰

Agregado a essa política exibicionista, outro fator crucial desse governo monárquico babilônico foi a expansão territorial através das guerras. Por inúmeros séculos as nações da Mesopotâmia dominaram o cenário geográfico do Oriente e da Palestina. Nabucodonosor conquistou a Sicília, a Síria, a Fenícia e a Judéia.

¹⁰ HALLEY, Henry Hampton. Manual Bíblico de Halley. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2001, p. 346.

Com a obtenção da hegemonia da época, a Babilônia ficou conhecida como a “Rainha da Ásia”, por causa do seu grande poder bélico, crueldade e opressão. Isso influenciou e atingiu diretamente os egípcios e judeus. “Assíria e Babilônia também foram responsáveis pela destruição de uma parte do reino egípcio, do reino dividido dos hebreus e pela deportação de milhares deles para a Mesopotâmia.”¹¹

Deus sempre tem planos para fazer cumprir os seus propósitos, entretanto, eles não são facilmente entendidos, como por exemplo, Ele usar povos pagãos e ainda chamar o rei Nabucodonosor de “meu servo”. De fato, “o céu domina”. Essas histórias são confirmadas nas profecias de Ezequiel e Jeremias:

Pois assim diz o Senhor Deus: A espada do rei de Babilônia virá sobre ti. Farei cair a tua multidão pelas espadas dos valentes; terríveis dentre as nações são todos eles; despojarão a soberba do Egito, e toda a multidão será destruída. (Ezequiel 32. 11-12)

Portanto, assim diz o SENHOR dos Exércitos: Visto que não escutastes as minhas palavras, eis que mandarei buscar todas as tribos do Norte, diz o SENHOR, como também a Nabucodonosor, rei da Babilônia, meu servo, e os trarei contra esta terra, contra os seus moradores e contra todas estas nações em redor, e os destruirei totalmente, e os porei por objeto de espanto, e de assobio, e de ruínas perpétuas. Farei cessar entre eles a voz de folgado e a de alegria, e a voz do noivo, e a da noiva, e o som das mós, e a luz do candeeiro. Toda esta terra virá a ser um deserto e um espanto; estas nações servirão ao rei da Babilônia por setenta anos. Acontecerá, porém, que, quando se cumprirem os setenta anos, castigarei a iniquidade do rei da Babilônia e a desta nação, diz o SENHOR, como também a da terra dos caldeus; farei deles ruínas perpétuas. (Jeremias 25. 8-12)

¹¹ HILL, Andrew & WALTON, John. Panorama do Antigo Testamento. Trad. Lailah de Noronha. São Paulo: Vida, 2007, p. 33.

Outra essencial política de ação do Império foi o fato do rei escolher quais judeus seriam levados cativos para a cidade da Babilônia, mostrando assim claramente estar selecionando pessoas da alta sociedade, com estudos, habilidades e conhecimentos da medicina, ciência e das artes. O objetivo de Nabucodonosor era utilizar a habilidade dos letrados judeus para as grandiosas obras de embelezamento de sua cidade.

Os babilônios, assim como os assírios, deportavam pessoas vencidas. Levavam para a Babilônia apenas a elite da população, deixando o povo na terra, porém destituído de sua liderança (2 Reis 25). Os judeus que viveram na Babilônia eram tratados como presos políticos e tinham diversas funções dentro da burocracia do Império.¹²

Agora, em relação à organização político-social do Império Babilônico, sobre a figura do rei eram colocados os seguintes atributos:

“O rei é principalmente chefe militar. Mas também é administrador, legislador supremo, sacerdote máximo, dirigente do tráfico, beneficiário do imposto de trânsito. Todas as atividades se submetem ao seu domínio.”¹³

Finalmente, baseado na história do Império, de seus governantes e nas maravilhas arquitetônicas da cidade da Babilônia, Antônio Gilberto da Silva conclui:

“Cidade ímpia, vaidosa, orgulhosa. Foi no Império Babilônico que os judeus estiveram exilados por 70 anos (Jeremias 25).”¹⁴

¹² REINKE, André Daniel. Atlas Bíblico Ilustrado. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 36.

¹³ RUESCAS, Jesus. Op. Cit., p. 42.

¹⁴ SILVA, Antônio Gilberto da. A Bíblia através dos séculos. Rio de Janeiro: CPAD, 1986, p. 170.

2. O CONTEXTO HISTÓRICO DE ISRAEL

2.1. Israel e as razões para o cativoiro.

A nomenclatura Israel possui alguns conceitos históricos interessantes, a começar por Jacó, o filho mais novo de Isaque e Rebeca, que teve seu nome alterado após uma luta com um anjo do Senhor, quando passou a ser chamado de Israel, que significa “luta com Deus” (Gênesis 32.28). O nome Israel também foi empregado aos patriarcas; mais tarde, fora usado de forma genérica ao povo das doze tribos de Israel; *à posteriori*, houve a divisão dessas tribos em Reino do Norte (Israel) e Reino do Sul (Judá), em 931 a.C.; e foi ao final do contexto de setenta anos do cativoiro babilônico que os judeus retomaram o nome e a pátria israelita.

O nacionalismo por trás do nome Israel é algo tão forte e arraigado aos judeus que, no século XX, após a Segunda Guerra Mundial (1945), quando acabou o mandato dos britânicos sobre a região da Palestina, eles finalmente conseguiram a Declaração de Independência do Estado de Israel, em 14 de maio de 1948.

Após essa visão panorâmica da história de Israel é necessário sabermos as razões que levaram esse grande reino da época (VI a.C.) ao declínio moral, social e religioso:

Que é isso? Furtais e matais, cometeis adultério e jurais falsamente, queimais incenso a Baal e andais após outros deuses que não conheceis, e depois vindes, e vos pondes diante de mim nesta casa (Templo) que se chama pelo meu nome, e dizeis: Estamos salvos; sim, só para continuardes a praticar estas abominações! (Jeremias 7. 9-10)

Para compreendermos agora as razões que levaram Judá ao Cativoiro Babilônico é necessário conhecermos o profeta dessa época, Jeremias, e a cada um desses pontos destacados por ele, a saber: adultério moral; idolatria; adultério religioso; ritos vazios; desigualdade social; falsos juramentos; e assassinatos. Os reis e líderes abandonaram a Lei, a religião e usavam o Templo como refúgio para alicerçarem essas atitudes imorais. Mas tudo isso viria a ruir! Judá viria a ser destruída e a tornar-se um mero vassalo da Babilônia!

Em meio a esse cenário depravado por conta dos judeus, Javé levanta o profeta Jeremias para acusar os reis e as lideranças judaicas por causa de suas práticas deturpadas. Jeremias significa “Javé estabelece”, e ele nasceu na cidade de Anatote, pertencente à tribo de Benjamim, na época do Rei Manassés. Jeremias ficou conhecido por suas lamentações, tendo sido apelidado de “profeta chorão”. Ele foi chamado para exercer essa função profética cerca de setenta anos depois da morte do profeta Isaías, que havia conseguido salvar Judá da Assíria. Jeremias foi contemporâneo do rei Josias, e também viveu na mesma época de Ezequiel e Daniel, outros personagens desse contexto que serão mencionados mais a frente.

Jeremias foi chamado por Deus para levar uma mensagem específica até Jerusalém por causa dos pecados dos reis, dos líderes-religiosos e do povo, fatos citados anteriormente. Mas com a morte do rei Josias pelas mãos do Faraó-Neco (609 a.C.), na batalha de Megido, e de seu filho Joacás, no Egito, Jeoaquim sucede o trono de Josias, e então começaram as perseguições a Jeremias por causa do teor de sua mensagem profética, pois ele havia anunciado a queda de Judá, do Templo e a destruição da cidade de Jerusalém. Ocorre nessa mesma época que, Nabucodonosor, poderoso líder babilônico, estava se organizando para a sua entrada no cenário mundial, que até então pertencia ao Egito, uma vez que os assírios já haviam sido exterminados.

Vale ressaltar que Jeremias não foi deportado para a Babilônia, na verdade, ele ficou no meio dos que haviam sobrado em Jerusalém após se entregarem ao rei Nabucodonosor, segundo seu conselho. Lutar era sinônimo de morte, por isso, o melhor era render-se (Jeremias 38. 17-18). Por causa disso, Jeremias foi ainda mais massacrado pelos compatriotas, pois havia sido considerado um desertor.

É em meio a esse contexto que Jeremias expõe abertamente as mazelas dos orgulhosos judeus, mas outrora ele tivera o intuito claro da parte de Deus em persuadi-los a se tornarem melhores, para que adorassem somente ao Senhor, que se voltassem ao Ensino – daí a necessidade das sinagogas criadas na Babilônia – e que os líderes atendessem às necessidades do povo, não que explorassem os pobres, os órfãos e as viúvas. Mas na contramão desse genuíno intuito do profeta, o fato foi que nada disso aconteceu. A destruição era iminente!

Segue agora a lista completa que foi mencionada acima contendo as razões que levaram os judeus a serem destruídos e levados cativos dos babilônios a mando de Deus. Na verdade, era Judá que havia se afastado do Senhor. Observe:

1ª Razão. Adultério Moral – abandono à Lei:

As autoridades estavam infringindo códigos básicos de convivência social. Utilizavam o poder para tirar dos pobres e o Templo como maneira de se esconderem de seus pecados. Um contexto onde a religião havia se tornado um refúgio de sepulcros caiados, onde a devoção havia se configurado como algo mecânico e sem piedade. A religiosidade secura seus corações. Deus se viu inclinado a tentar solucionar esse problema tirando-lhes o conforto através de um confronto no caráter. E a pergunta que se poderia fazer é: “O que vocês são quando não há poder, quando não há Templo?”.¹⁵

¹⁵ LELLIS, Nelson. O profeta Jeremias. Campos dos Goytacazes: Marca, 2014, p. 5.

2ª Razão. Idolatria – abandono à Javé: “Há de se entender a mente dos judeus nessa questão do politeísmo, visto que o povo judeu foi para o exílio especialmente por causa da idolatria, a adoração a outros deuses.”¹⁶

3ª Razão. Adultério Religioso – abandono da Palavra:

O cronista – Jeremias, como habitualmente, faz uma declaração acerca do significado teológico desses eventos catastróficos. Jerusalém caiu, apesar dos esforços de *Yahweh* por meio de seus profetas de restaurar o seu povo. Mas eles escarneceram de sua Palavra até que não mais houve remédio senão a destruição e deportação (2 Cr 36. 15-16). Havendo rejeitado a postura de filhos da aliança e servos de *Yahweh*, a comunidade judaica espalhada pelo cativo agora cumpriria o papel de escravos em terra estranha.¹⁷

4ª Razão. Ritos vazios e desigualdade social – abandono aos necessitados:

O profeta Jeremias acusa a corte pela péssima administração e pela crença mágica de proteção advinda do Templo. De nada adiantavam os ritos cúlticos serem executados se o povo não era assistido em suas demandas. O escândalo da ética, da balança desigual, do destrato com os pobres e as viúvas, trouxe sentimento de desesperança ao povo.¹⁸

5ª Razão. Falsos juramentos do próprio rei – abandono à ordem divina:

¹⁶ VIANA, Ronaldo. *Op.Cit.*, p. 38.

¹⁷ MERRIL, Eugene Haines. História de Israel no Antigo Testamento. Trad. Romell Carneiro. Rio de Janeiro: CPAD, 2013, p. 481.

¹⁸ LELLIS, Nelson. Cristianismo e Pós-Modernidade. São Paulo: Fonte Editorial, 2015, p. 17.

Zedequias (597-586 a.C.), ignorando os avisos do profeta Jeremias, da parte de Deus, acabou se rebelando contra a Babilônia, o que levou a nação à derrocada total. Depois de pelo menos dezoito meses de cerco, o exército da Babilônia invadiu Jerusalém, destruiu a cidade e levou muitos cativos, entre eles o próprio Zedequias, que após ter assistido à execução de seus filhos, teve seus olhos furados.¹⁹

6ª Razão. Assassinatos – abandono aos princípios divinos:

Por intermédio de cerimônias e ritos religiosos, foi instituída a adoração às estrelas e aos planetas. A própria divindade Moloque foi honrada pelo monarca hebreu, mediante o sacrifício de crianças no vale de Hinom, imediatamente fora de Jerusalém. Sacrifícios humanos eram um dos mais abomináveis ritos de paganismo; e pelo salmista são associados à adoração aos demônios (Salmo 106. 36-37).²⁰

Após essas exposições deploráveis das atitudes dos judeus, observa-se claramente que o Senhor havia sido esquecido. Eram procedimentos típicos de povos pagãos imundos, e que a partir dessas razões levantadas, eles foram deportados ao Cativeiro Babilônico com um claro propósito de restauração. O período de adoração, alegria e prosperidade já havia passado. Felizmente o que restou foram alguns que ainda não haviam se corrompido, e Deus sempre se mostrou tão misericordioso com o ser humano que mesmo em meio a toda essa calamidade, Ele ainda tinha Seus propósitos para realizar em meio aos judeus.

¹⁹ GUSSO, Antônio Renato. Panorama histórico de Israel. Curitiba: A.D Santos, 2003, p. 122.

²⁰ SCHULTZ, Samuel Jacob. A história de Israel no Antigo Testamento. 2. Ed. Trad. João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 252.

2.2. Os propósitos de Deus com o cativo.

A ida dos judeus para o Cativo Babilônico, se analisado com um olhar êmico na época, foi sentido e visto com uma grande interrogação, pois a religião, a cidade de Jerusalém e principalmente o Templo haviam sido derribados. Toda a ideia e conhecimento de Deus estavam pautados nesses três importantes alicerces judaicos, e que agora eram somente pó. Para um verdadeiro judeu, o Templo (Tabernáculo) era literalmente a morada de Javé, conforme eles haviam aprendido com Moisés no Pentateuco.

Êxodo 25.8, diz: “E me farão um Tabernáculo, para que eu possa habitar no meio deles”. Na verdade, essa ideia de Deus habitando em templos está enraizada na cultura judaizante até os dias de hoje.

Mas aí ficou a grande pergunta: se não havia mais o Templo, será que não havia mais a presença de Deus? Por conta disso, muitos judeus ficaram perdidos. Nós já conhecemos a história, mas o interessante é analisarmos essa pergunta usando os óculos de um judeu da época. O objetivo agora é encontrar os propósitos de Javé em meio a todas essas confusões dos israelitas.

Daniel, pois, quando soube que a escritura estava assinada, entrou em sua casa e, em cima, no seu quarto, onde havia janelas que davam para Jerusalém, três vezes por dia, se punha de joelhos, e orava, e dava graças, diante do seu Deus, como costumava fazer. (Daniel 6.10)

Esse versículo de Daniel é muito interessante, pois ao mesmo tempo em que não havia o Reino de Judá e nem o Templo, o profeta não deixou de orar a

Deus, pois para ele, de alguma maneira, o Senhor ainda o ouviria, mesmo que a princípio ele se lembrasse da saudosa Jerusalém. Ele havia aprendido isso no livro de 1 Reis, através de uma oração de Salomão que vale a pena destacarmos agora:

Quando pecarem contra ti (pois não há homem que não peque), e tu te indignares contra eles, e os entregares às mãos do inimigo, a fim de que os leve cativos à terra inimiga, longe ou perto estejam; e, na terra aonde forem levados cativos, caírem em si, e se converterem, e, na terra do seu cativo, te suplicarem, dizendo: Pecamos, e perversamente procedemos, e cometemos iniquidade; e se converterem a ti de todo o seu coração e de toda a sua alma, na terra de seus inimigos que os levarem cativos, e orarem a ti, voltados para a sua terra, que deste a seus pais, para esta cidade que escolheste e para a casa que edifiquei ao teu nome; ouve tu nos céus, lugar da tua habitação, a sua prece e a sua súplica e faze-lhes justiça, perdoa o teu povo, que houver pecado contra ti, todas as suas transgressões que houverem cometido contra ti; e move tu à compaixão os que os levaram cativos para que se compadeçam deles. (1 Reis 8. 46-50)

Foram nesses momentos do cativo, entre desesperança e solidão, que Deus começou a trabalhar no coração daquele povo os seus desígnios. Ainda havia esperança! Reconhecer o pecado e voltar-se a Deus era a única saída! Isso ficou provado na atitude do profeta Daniel, pois uma vez que ele cumpriu conforme aprendera com seu descendente, o Rei Salomão, sua atitude mostrou que já havia nele arrependimento que chegaria até o povo. O caminho para a volta era logo ali.

Uma das finalidades com o exílio foi a disciplina de um Pai que ama. Provérbios 3.12 e Hebreus 12.6 afirmam que Deus corrige o filho a quem ama, logo, Judá também era amada, mas precisava de correção para aprender, de forma que houvesse a cura do politeísmo e de todas aquelas práticas citadas anteriormente.

Assim como Jeremias (já mencionado), Daniel e Ezequiel também foram profetas dessa época (VI a.C.), mas que atuaram diretamente no arraial do Cativoiro Babilônico, em meio aos seus descendentes, e tinham propósitos em suas vidas:

Seus ministérios eram específicos para admoestar o povo no cativeiro a lembrar-se constantemente do motivo de ali estar – anunciar o juízo iminente sobre Jerusalém (fato que se deu no ano de 586 a.C.), anunciar ainda o juízo de Deus sobre as poderosas nações, inimigas de Israel, e estimular a esperança e confiança do povo na reunião dos judeus e na restauração da cidade e do templo.²¹

Volta e meia, a infidelidade a Deus por parte dos judeus trouxe grandes problemas. Como visto, várias foram as razões que os levaram a se perderem e abandonarem o sã culto ao Senhor, mas a principal razão não pode ser ignorada. A leitura dos livros de 1 e 2 Reis mostra isso, segundo o renomado teólogo brasileiro, Antônio Renato Gusso:

“O tema geral pode ser descrito com a seguinte afirmação: o sucesso, ou o fracasso, está relacionado diretamente com a fidelidade ou não à aliança firmada com Deus. O Exílio não foi um fracasso da parte de Deus”.²²

Corroborando que dentre todas as razões citadas, de uma principal se gerou as demais, se ela fosse destruída, e conseqüentemente curada, as outras também seriam facilmente vencidas, isto posto, a detestável idolatria. Com o foco certo na adoração ao Senhor, certamente as outras abominações seriam abandonadas.

²¹ JÚNIOR, Angelo Gagliardi. Panorama do Antigo Testamento. 3. Ed. Santo André: Geográfica, 2014, p. 222.

²² GUSO, Antônio Renato. Os livros históricos. Curitiba: A.D Santos, 2011, p. 75.

Quem nos prova isso é o profeta Ezequiel, pois por surpreendentes sessenta e duas vezes em seu livro, regista a expressão “saberão que Eu Sou o Senhor”, como forma de reforçar o Senhorio único e fidedigno de Javé. Acompanhe:

Segundo parece, a missão de Ezequiel era explicar porque Deus causou ou permitiu o cativo de Israel. Foi por causa das abominações indescritíveis que o povo cometera – abominações que já haviam levado outras nações ao extermínio. No caso de Israel, porém, tratava-se de um castigo que visava à sua correção: por meio do castigo, eles viriam a saber que Deus é mesmo Deus. E assim aconteceu. O Cativo Babilônico curou os judeus da idolatria.²³

Portanto, junto a esses propósitos de Deus em curar o povo, principalmente da idolatria, e conseqüentemente do adultério moral, religioso, dos ritos vazios, da desigualdade social, dos falsos juramentos e dos assassinatos, é que foram estabelecidas em meio à Babilônia, as Sinagogas, como locais de estudos e ensinamentos das Escrituras, pois somente através do conhecimento que o povo reconheceu estar errado e mudou de atitude, fato que veremos no capítulo seguinte.

²³ HALLEY, Henry Hampton. *Op. Cit.*, p. 333.

3. AS SINAGOGAS

3.1. A criação das sinagogas na história dos judeus.

O presente capítulo buscará abordar a hipótese central que permeia todo o conteúdo desta pesquisa: afinal, como, quando e por meio de quem surgiram as famosas sinagogas judaicas?

A ideia a partir daqui é trazer argumentos históricos e Bíblicos que corroborem com a hipótese de que as sinagogas surgiram em VI a.C., visto que ao longo dos anos muitos pesquisadores da área têm buscado fechar esse conceito, mas que às vezes fica distendido por causa de poucos indícios.

À *priori*, existem duas concepções básicas sobre a criação das sinagogas em meio aos judeus: 1ª, surgiram durante o período do Exílio Babilônico; ou 2ª, nasceram após o exílio, no retorno do povo às terras da Palestina, através das ações do escriba Esdras, Sumo Sacerdote de Israel, importante *persona* no regresso do povo. Mas o foco desta análise recairá sobre a primeira concepção.

Antes de abordar tal temática, se faz necessário sabermos a terminologia da palavra sinagoga. Segundo o dicionário Aurélio, seu significado literal na língua portuguesa é: “Templo dos israelitas”. É interessante notar que em nenhum texto da língua hebraica do A.T. aparece a palavra sinagoga, porém existe uma transliteração de “בית כנסת (*beit knésset*)”, que é traduzido como “casa de reunião dos profetas”, ao qual se fez menção ter sido um local de encontro instrutivo, uma escola para estudos da Lei. Entretanto, no N.T., o termo sinagoga se faz presente em 27 textos diferentes, sob a escrita grega de “συναγωγή (*sinagogé*) - assembleia”.

Como mencionado anteriormente, o foco da hipótese central desta pesquisa sobre a criação das sinagogas recai sob a ideia de que elas surgiram durante o Cativeiro Babilônico, principalmente porque Jerusalém havia sido destruída e o Templo derrubado, eventos que foram abordados no capítulo anterior.

Observe agora esses dois indícios subsequentes:

O povo judeu sobreviveu no exílio longe do Templo, criando uma espécie de novo modo de vida religiosa, para não esquecer os ensinamentos divinos, o que, provavelmente, explicaria o aparecimento das sinagogas e, especialmente, o retorno aos ensinamentos dos escritos de Moisés (a Torá) durante esse período histórico.²⁴

“Estabelecimento de sinagogas em todos os centros de população judia na Mesopotâmia. Graças a esta inovação, os judeus puderam manter viva a sua fé religiosa, apesar de sua ausência de mãe-pátria”.²⁵

Mediante o distanciamento de Jerusalém, Javé levantou nessa época os já citados profetas Daniel e Ezequiel, pois eles haviam sido transportados para a cidade da Babilônia e foram mensageiros divinos em um local totalmente tomado pelo paganismo.

Foi nesse intervalo que Deus começou a tratar e limpar a idolatria no meio do seu povo, ao reafirmar o monoteísmo exclusivo, além, claro, de acrescentar a observância de duas atividades religiosas: o *shabat* e o *kosher*.

²⁴ VIANA, Ronaldo. *Op.Cit.*, p. 34.

²⁵ MONEY, Netta Kemp de. *Geografia histórica do mundo Bíblico*. 4. Ed. Trad. Etuvino Adiers. São Paulo: Vida, 1988, p. 187.

O sentido de missão começou nessa época. E essa missão se dava através de contínuos atos de obediência e purificação, como a observância rigorosa da Lei de Deus (sobretudo o *shabat*) e das leis de *kosher* (regime de alimentos puros que os distinguiu dos gentios como povo sagrado; Daniel 1) Era uma práxis testemunhal de identidades: a divina e do povo de Israel.²⁶

Essa liberdade de seguir a religião judaica numa terra estranha foi um fator marcante na história da dispersão do Cativo Babilônico. Mais uma vez Deus se mostrou presente e soberano em suas ações. Foi durante essa época que Ezequiel realizou seu maravilhoso ministério. De seu trabalho e profecias, os cativos foram ensinados que a calamidade veio sobre eles por causa da idolatria. Nas sinagogas, isso foi ensinado à tamanha extensão que a idolatria foi sendo abandonada e não mais seria um problema para os judeus. Deus usou o profeta para manter o povo exilado fiel à Lei e à Aliança feita aos antepassados.

“Durante esse período (exílio) os judeus purificaram-se de suas tendências para a idolatria, e iniciaram o sistema de culto nas assembleias ou sinagogas, sistema este preservado até hoje”.²⁷

Agora que vimos historicamente como e quando surgiram as sinagogas, o foco desta pesquisa se firmará no mais importante argumento: o texto Bíblico.

Depois de uma pesquisa minuciosa por evidências que contribuem para a hipótese da criação das sinagogas no período do Cativo Babilônico, finalmente apresentamos dois textos bases de Ezequiel que apontam indícios para fundamentarmos essa hipótese central. Observe:

²⁶ LELLIS, Nelson. *Op. Cit.*, p. 21.

²⁷ CRABTREE, A. R. *Arqueologia Bíblica*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1940, p. 174.

No sexto ano, no sexto mês, aos cinco dias do mês, estando eu sentado em minha casa, e os anciãos de Judá, assentados diante de mim, sucedeu que a mão do SENHOR Deus caiu sobre mim. (Ezequiel 8.1)

Então, vieram ter comigo alguns dos anciãos de Israel e assentaram diante de mim. (Ezequiel 14.1)

Os dois textos acima apontam que a liderança do povo exilado se encontrava de alguma forma em locais específicos da Babilônia, daí a hipótese de se ter criado, através da influência do profeta Ezequiel, um espaço específico – as sinagogas – de onde teria surgido a raiz litúrgica para encontro, louvor, leitura, oração, estudo da Lei e pregação.

3.2. A prática do estudo junto ao povo judaico.

Uma vez que os judeus não tinham mais a terra e nem o Templo, o culto passou para a sinagoga e a centralizar-se na figura do Rabino, geralmente um conhecedor da Lei judaica, que não era obrigatoriamente da linhagem sacerdotal.

A sinagoga continuou sua evolução e até mesmo se desenvolveu como um contrapeso à obra dos sacerdotes, que era absoluta no Templo, e tornou-se necessária para os judeus da dispersão. Embora, a princípio, a sinagoga fosse criada apenas para a exposição da Lei, era natural que, no decurso do tempo, as orações, louvores e pregações deveriam ser adicionados ao serviço. Assim, estes encontros, que inicialmente eram realizadas aos sábados e dias festivos, também vieram a ocorrer em outros dias e horários.

Philo de Alexandria, famoso filósofo judeu dos anos 40 d.C., chamou as sinagogas de: “casas de ensino, onde a filosofia dos pais e toda sorte de virtudes eram ensinadas”.

Buckland concorda: “As sinagogas não eram apenas lugares de culto, mas também de escolas, onde as crianças aprendiam a ler e escrever; e serviam, também, de pequenos tribunais de justiça. Elas eram numerosas”.²⁸

As sinagogas, em estrutura e função, exerceram posteriormente uma influência enorme sobre a vida dos judeus, da igreja primitiva e até mesmo da igreja moderna. Muito do que conhecemos hoje de estudo teológico surgiu nesse período.

Na sinagoga surgiu a importante função de mestre. Homens com percepções excepcionais na lei foram recrutados para liderarem nessa importante posição. O mestre podia, ou não, ter sido da linhagem sacerdotal. O ensino regular da Torah levou a uma ênfase renovada sobre o sábado, a circuncisão e o jejum. Algumas influências sutis das religiões da Babilônia e da Pérsia foram introduzidas nas instruções religiosas dadas pela sinagoga. Estas podem ser vistas nas doutrinas em desenvolvimento acerca da vida depois da morte, angelologia e demonologia.²⁹

Como observado, o objetivo essencial da sinagoga não era mais apenas os ritos, mas também um local de oração, adoração, ofertas, pagamento dos dízimos, tribunais e principalmente a instrução na Lei para todas as classes da população. Agora, o enfoque principal das sinagogas eram as pregações, pois os sacrifícios estavam sendo deixados de lado juntamente com a queda do Templo.

²⁸ BUCKLAND, Augustus Robert. *Op. Cit.*, p. 411.

²⁹ HALE, Broadus David. Introdução ao estudo do Novo Testamento. Trad. Cláudio Vital de Souza. Rio de Janeiro: JUERP, 1983, p. 9.

Somente pelo relacionamento que o povo foi se fortalecendo no encontro com Deus. Muitas vezes, a ignorância induz ao erro. A ida e o retorno do exílio ilustram bem isso: o povo foi para lá por causa da falta de um relacionamento verdadeiro com Javé, e somente quando isso foi tratado, por volta de 70 anos de duração do cativeiro, que os judeus puderam retornar a Jerusalém, pois entenderam a necessidade de buscar uma instrução, que foi iniciada em um local – sinagogas – e conseqüentemente, a aplicação disso à vida, graças à pregação, portanto, é por isso que a prática do estudo foi primordial na história e no regresso dos judeus.

“Sempre que havia um grupo de judeus, eles se reuniam para ler e estudar as Escrituras hebraicas. Essas reuniões passaram, então, a ser formalizadas na instituição da sinagoga”.³⁰

É interessante destacar que, como visto no primeiro capítulo, os babilônios eram dedicados pelos estudos, de quaisquer que fossem as naturezas: astronômicos, matemáticos, geográficos, culturais e também religiosos. Esse interesse por conhecimento foi transmitido aos judeus, tanto que alguns líderes formaram o Talmude Babilônico, uma espécie de livro sagrado compilado no exílio para registrar assuntos concernentes à Lei mosaica, tradição oral, éticas e costumes religiosos. Foram nas sinagogas que os judeus registraram as discussões rabínicas.

Deste modo, unindo mestres letrados (rabinos), um lugar para estudar (sinagogas) e os ensinamentos (Talmude), o cenário para uma excelente prática instrucional estava montado, e a futura volta do exílio estava se configurando. Portanto, a função da ida dos judeus para o cativeiro estava finalmente se tornando clara e objetiva da parte de Deus.

³⁰ HALLEY, Henry Hampton. *Op. Cit.*, p. 423.

De fato, nos primeiros séculos da Era Cristã, a Babilônia era um centro religioso judaico que desenvolvera uma tradição completamente separada de Jerusalém e Alexandria. Foi lá que os judeus mais devotos criaram o conhecido Talmude Babilônico, e uma escola de massoretas da Babilônia produziu sua própria família de textos bíblicos e manuscritos.³¹

Como levantado na introdução deste capítulo, muito se tem discutido sobre as origens das sinagogas terem sido no período do cativeiro ou não, porém, como fora dito, a ideia é levantar argumentos históricos e Bíblicos que reforcem essa hipótese. Segue abaixo mais um registro histórico que apoia tal argumento:

“As sinagogas, que Paulo encontrou por todo o Império Romano no tempo do cristianismo, foram resultado da vida dos judeus durante os duros dias do cativeiro”.³²

Por fim, a partir dessa perspectiva exposta, se faz necessário reafirmar o fato de que a ida dos judeus para o exílio, e a criação das sinagogas, proporcionou um nível mais elevado de busca e relacionamento com Javé, mais a concepção de que traços existentes nas igrejas atuais foram adquiridos a partir dessa importante matriz, a sinagoga, de onde se tirou a raiz litúrgica: louvor, oração e pregação. Com essa liturgia sendo realizada, o povo pôde praticar os ensinamentos adquiridos. Mediante isso, os judeus estavam preparados para enfim retornarem do Exílio Babilônico, assunto abordado no último capítulo desta pesquisa.

³¹ MERRIL, Eugene Haines. *Op. Cit.*, p. 511.

³² MESQUITA, Antônio Neves de. Povos e nações do mundo antigo: uma história do Velho Testamento. 7. Ed. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 260.

4. A QUEDA DO IMPÉRIO BABILÔNICO E O RETORNO DOS JUDEUS

4.1. As razões da queda do Império.

Nessa parte final da pesquisa, o intuito é trazer levantamentos que demonstrem o porquê do fim do Império Babilônico, e de que maneira os primeiros judeus regressaram aos poucos à Jerusalém, fato que ocorreu em três etapas, porém abordaremos apenas a primeira delas.

A queda do Império havia sido prenunciada por Jeremias, principalmente por causa das atrocidades que os babilônios cometeram contra o povo judeu, Jerusalém e em oposição ao Templo do Senhor, que além de ter sido destruído, tivera seus objetos roubados e usados em festas e cultos pagãos. Tanto o povo quanto Deus foram aparentemente “humilhados”, mas a resposta de Javé estava à caminho.

Assim diz o SENHOR: Eis que levantarei um vento destruidor contra a Babilônia e contra os que habitam em Lebe-Camai. Enviarei estrangeiros contra a Babilônia, que a padejarão e despojarão a sua terra; porque virão contra ela em redor no dia da calamidade. O flecheiro arme o seu arco contra o que o faz com o seu e contra o que presume de sua couraça; não poupeis os seus jovens, destruí de todo o seu exército. Caiam mortos na terra dos caldeus e atravessados pelas ruas! Porque Israel e Judá não foram abandonadas como viúvas do seu Deus, o Senhor dos Exércitos, mas a terra dos caldeus está cheia de culpa perante o Santo de Israel. Fuja da Babilônia, cada um por si, pois é chegado o tempo da vingança do Senhor, e ela pagará por sua culpa. (Jeremias 51. 1-6)

É interessante observar que o mesmo Império que havia sido erguido para tratar o povo judeu em relação à idolatria, agora estava com os dias contados, pois a opressão em relação aos judeus estava sendo abusiva. Os judeus mais simples e pobres que haviam permanecido em Judá eram vassallos dos babilônios; os judeus que foram transferidos à Babilônia eram presos políticos, e às vezes perseguidos e mal tratados; houve também um sincretismo religioso entre eles, de forma que alguns judeus não acreditavam mais no retorno à Judá, enquanto outros esperavam por isso ansiosamente; e por fim, Belsazar, neto de Nabucodonosor e último monarca babilônico, desafiou e zombou de Javé, com orgias, glotonarias e bebedeiras, além de ter oferecido banquetes aos deuses com os utensílios do Templo que eram dedicados ao Senhor. O fato foi que naquela mesma noite festiva os medo-persas conquistaram a Babilônia.

Paralelo a esses acontecimentos, findou-se o período de 70 anos de dominação babilônica sobre o mundo da época. Os babilônios haviam experimentado a ascensão ao poder, buscaram preservar sua hegemonia, mas o fim estava próximo, pois em limítrofe dali estava erguendo-se Ciro, o Grande (559 – 530 a.C.), rei que uniu a Média com a Pérsia (atual Irã), e avançou contra a Babilônia, o que acarretou na queda desse Império, aproximadamente em 539 a.C.

Finalmente, nos últimos meses do ano 539 a.C., as tropas de Ciro sitiaram a cidade de Babilônia. O general babilônico Gobrias, que havia passado para o lado de Ciro, entrou na cidade com suas tropas sem precisar lutar e, poucos dias mais tarde, o próprio Ciro foi recebido pelo povo na capital como libertador, e não como conquistador. Nabonido conseguiu escapar, mas foi preso, e Ciro assumiu o trono do Império como o rei legítimo.³³

³³ GUSSO, Antônio Renato. *Op. Cit.*, p. 152.

Henry Halley concorda: “Ciro desviou o Eufrates para outro leito e, guiado por dois desertores, marchou para dentro da cidade pelo leito que secara, enquanto os babilônios faziam bebedeiras numa festa dos seus deuses.”³⁴

Era o fim de uma era e o início de outra. Os judeus passaram dos babilônios para os persas através das ações de Ciro, outro servo gentio usado pelo Senhor, mas desta vez por um período maior, de 70 para mais de 200 anos subsequentes.

A política expansionista, peculiar a um Império, fez com que os persas dominassem do mar Egeu (Mediterrâneo) ao rio Indo (noroeste da Índia), isso incluía, entre outros, a Ásia Menor, a Mesopotâmia, o Egito e a Judeia. Por mais de 200 anos o povo judeu foi dominado pelos persas.³⁵

Ciro tinha como modelo de vida as ações imperialistas, por isso alcançou expressivas conquistas: atravessou o rio Tigre, desviou as águas do Eufrates, dominou a Média, a Pérsia, a Babilônia e outros países, mas principalmente despontou a início como um sábio governador, pois fora usado por Deus para a reedificação do Templo e deu a permissão de retorno dos judeus à Jerusalém.

O título “ungido de *lahweh*” era reservado apenas para os reis de Israel, como é registrado no oráculo do Sl 2; com Ciro, torna-se um título para o rei-salvador inesperado. Ao rei Ciro ainda é dado o título de “meu pastor”, que cumprirá toda a vontade divina e dirá a Jerusalém: “Tu serás reconstruída”, e ao Templo “Tu serás restabelecido”.³⁶

³⁴ HALLEY, Henry Hampton. *Op. Cit.*, p. 349.

³⁵ VIANA, Ronaldo. *Op. Cit.*, p. 41.

³⁶ LELLIS, Nelson. *Op. Cit.*, p. 24.

Como citado anteriormente, os retornos dos judeus aconteceram em três fases diferentes, sobretudo porque muitos haviam se acostumado ao padrão e estilo de vida na Babilônia, e somente poucos retornaram à Jerusalém a princípio, entretanto esse é um assunto muito extenso, por isso focaremos apenas no retorno imediato ao decreto de Ciro, o que permitiu o tão sonhado regresso à Judá.

4.2. O primeiro retorno dos judeus.

Finalmente, ao fim de setenta anos de assolação e dispersão, os judeus foram autorizados a retornarem do Cativo Babilônico para Jerusalém, graças às ações de Ciro, pois elas demonstraram certa “liberdade”, porém eram controladas segundo as leis do Império Persa. Observe um registro histórico e outro Bíblico:

“A restauração de Judá começou com o edito de Ciro, em 538 a.C., quando retornou o primeiro grupo a Judá”.³⁷

No primeiro ano de Ciro, Rei da Pérsia (para que se cumprissem as palavras do Senhor através de Jeremias), despertou o SENHOR o espírito de Ciro, o qual proclamou em todo o seu Reino, dizendo: Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor Deus do céu me deu todos os reinos da terra, e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém, que é em Judá. Quem há entre vós de todo o seu povo (seja seu Deus com ele) suba para Jerusalém, que é em Judá, e edifique a casa do Senhor, Deus de Israel; Ele é o Deus que habita em Jerusalém. (Esdras 1. 1-3)

³⁷ REINKE, André Daniel. *Op. Cit.*, p. 40.

Alinhados com a promessa de Deus, a profecia de Jeremias e a autorização de Ciro, os primeiros judeus retornaram a Judá sob a linhagem sacerdotal de Josué, mediante o auxílio dos profetas contemporâneos, Ageu e Zacarias – que estiveram no exílio e na repatriação perante concessão dos persas – e ante a liderança davídica de Zorobabel, importante israelita desse contexto (538 a.C.), que fora nomeado governador da Judéia por Ciro, o Grande. Zorobabel participou ativamente desse retorno dos primeiros judeus exilados (aproximadamente 50.000 expatriados), estabeleceu o povo de volta à cidade de Jerusalém e atuou arduamente na reconstrução do Templo.

Nessa altura dos acontecimentos, percebe-se claramente que a política imperialista de Ciro diferenciava-se de outros governantes, pois ele entendeu ser necessário fazer alianças com os exilados e deixá-los retornarem às suas terras.

Ciro, rei da Pérsia, permite que os judeus voltem ao seu país e reconstruam Jerusalém e o Templo. No primeiro ano do reinado de Ciro, rei dos persas, setenta anos depois que as tribos de Judá e de Benjamim foram levadas escravas para a Babilônia, Deus, tocado de compaixão pelo sofrimento delas, realizou o que havia predito pelo profeta Jeremias, antes mesmo da ruína de Jerusalém: que, passados setenta anos em dura escravidão, sob Nabucodonosor e seus descendentes, voltaríamos ao nosso país, reconstruiríamos o Templo e desfrutaríamos a nossa primeira felicidade. Assim, pôs Ele no coração de Ciro escrever uma carta e enviá-la por toda a Ásia. Eis o que declara o rei Ciro: "Cremos que o Deus Todo-poderoso, que nos constituiu rei de toda a terra é o Deus que o povo de Israel adora, pois Ele predisse por meio de seus profetas que nós traríamos o nome que trazemos e reconstruiríamos o Templo em Jerusalém, na Judéia, consagrado à sua honra."³⁸

³⁸ JOSEFO, Flávio. História dos Hebreus. 8. Ed. Trad. Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 436.

Portanto, depois de todo esse labor, sofrimento e dificuldade, finalmente os judeus estavam de volta à sua Terra Prometida, Canaã de Judá, a maravilhosa Jerusalém. O objetivo agora era a instalação judia local, a reconstrução da cidade e do Templo, mas principalmente a consolidação de um importante entendimento: Javé era o único Deus a ser adorado e não importava onde.

Por consequência disso, as sinagogas se espalharam rapidamente, de forma que o povo passou a adorar somente ao Senhor, estudar as Escrituras e conhecer mais sobre a Lei, pregando e aplicando esses ensinamentos à vida, mediante uma liturgia que foi sendo configurada, e assim os judeus se firmaram no princípio correto de culto somente a Deus.

Por fim, e relacionado a isso, os ministérios das profecias foram se reduzindo gradativamente: “No pós-exílio foi dado um valor cada vez maior à Lei, diminuindo a ênfase cultual e profética. À medida que a Lei foi crescendo, a fé profética foi diminuindo”.³⁹

³⁹ GUSSO, Antônio Renato. *Op. Cit.*, p. 166.

CONCLUSÃO

A realização desta pesquisa teve como interesse principal mostrar ao leitor a importância e a singularidade do surgimento das sinagogas na Babilônia, tanto na cura do politeísmo vigente em meio ao povo judeu, quanto na importância que elas tiveram na prática do estudo e conhecimento, além de terem deixado raízes litúrgicas utilizadas pelas igrejas no decorrer da história.

Todos sabem que os judeus foram escolhidos por Deus através de uma promessa feita a Abraão, de onde viria o salvador do mundo, o Messias. Mas antes da Plenitude dos Tempos para essa vinda, os judeus sempre se perderam na caminhada, e inúmeros profetas foram levantados para avisá-los e lembrá-los dos perigos de se afastarem do Senhor. Entretanto, os judeus se misturaram com outros povos e se tornaram politeístas: adoravam Javé e outros falsos deuses, porém se escondiam nos rituais religiosos do Templo, contando estarem a salvo.

Deus, em sua plenitude, onisciência, onipresença e onipotência, destruiu o Templo, Jerusalém e enviou os judeus para um terrível exílio, causando mudanças nas estruturas políticas, sociais e econômicas do povo, mas com o intuito claro de gerar uma transformação de dentro para fora, uma transformação de vida, pois os judeus careciam disto por causa de sua vã natureza de adoração.

Finalmente, após a estadia de setenta anos no Cativeiro Babilônico, como profetizado por Jeremias, e graças ao surgimento das sinagogas judaicas, o povo foi redirecionado ao genuíno estudo da Lei de Deus, houve cura do politeísmo e criou-se padrões que deram raízes históricas às liturgias das igrejas, a saber, os ensinamentos, os louvores, as orações e as pregações.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Abraão de. Lições da História que não podemos esquecer. 2. Ed. São Paulo: Vida, 1996.

ALMEIDA, João Ferreira de. Chave Bíblica. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1970.

BETTENCOURT, Estevão & LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. Curso Bíblico Mater Ecclesiae. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2011.

BÍBLIA DE ESTUDO PALAVRAS CHAVE. Versão Revista e Corrigida. 4. Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Versão Revista e Ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA KING JAMES. Versão Atualizada. Niterói: Bvbooks, 2012.

BÍBLIA SAGRADA. Versão Revista e Atualizada. 2. Ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

BUCKLAND, Augustus Robert. Dicionário Bíblico Universal. Trad. Joaquim dos Santos Figueiredo. São Paulo: Vida, 1998.

CORPORATION, Zondervan. A História. Trad. Fabiano Moraes. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

CRABTREE, A. R. Arqueologia Bíblica. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1940.

DAMIÃO, Valdemir. História das Religiões: sua influência na formação da humanidade. 2. Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

GILBERTO, Antonio. A Bíblia através dos séculos: A história e formação do livro dos livros. Rio de Janeiro: CPAD, 1986.

GUSSO, Antônio Renato. Os livros históricos: Introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: A.D Santos, 2011.

GUSSO, Antônio Renato. Panorama histórico de Israel: para estudantes da Bíblia. Curitiba: A.D Santos, 2003.

HALE, Broadus David. Introdução ao estudo do Novo Testamento. Trad. Cláudio Vital de Souza. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.

HALLEY, Henry Hampton. Manual Bíblico de Halley. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2001.

HILL, Andrew & WALTON, John. Panorama do Antigo Testamento. Trad. Lailah de Noronha. São Paulo: Vida, 2007.

JOSEFO, Flávio. História dos Hebreus. 8. Ed. Trad. Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

JÚNIOR, Angelo Gagliardi. Panorama do Antigo Testamento. 3. Ed. Santo André: Geográfica, 2014.

LELLIS, Nelson. Cristianismo e Pós-Modernidade. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

LELLIS, Nelson. O profeta Jeremias. Campos dos Goytacazes: Marca, 2014.

MASTRAL, Daniel & MASTRAL, Isabela. Rastros do Oculto: Da História à Teologia, do Príncipe das Trevas aos Selados de Deus. São Paulo: Naos, 2004.

MERRIL, Eugene Haines. História de Israel no Antigo Testamento: O reino de sacerdotes que Deus colocou entre as nações. Trad. Romell Carneiro. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

MESQUITA, Antônio Neves de. Povos e nações do mundo antigo: uma história do Velho Testamento. 7. Ed. São Paulo: Hagnos, 2001.

MIRANDA, Valtair. Fundamentos da Teologia Bíblica. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

MONEY, Netta Kemp de. Geografia histórica do mundo Bíblico. 4. Ed. Trad. Etuvino Adiers. São Paulo: Vida, 1988.

REINKE, André Daniel. Atlas Bíblico Ilustrado. São Paulo: Hagnos, 2006.

RUESCAS, Jesus. História Geral. São Paulo: Sivadi Editorial, 2010.

RYRIE, Charles. Bíblia de Estudo Anotada e Expandida. Revista e Expandida. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

SCHULTZ, Samuel Jacob. A história de Israel no Antigo Testamento. 2. Ed. Trad. João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2009.

SHEED, Russell. Bíblia Sagrada: Revista e Atualizada. 2. Ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

SILVA, Antônio Gilberto da. A Bíblia através dos séculos. Rio de Janeiro: CPAD, 1986.

SMITH, Ralph Lee. Teologia do Antigo Testamento: História, Método e Mensagem. Trad. Hans Udo Fuchs e Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001.

VAUX, Roland de. Instituições de Israel no Antigo Testamento. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2004.

VIANA, Ronaldo. Antes de Cristo: entre “outros poderes”, o Céu domina. Rio de Janeiro: Autografia, 2015.

YANCEY, Philip. A Bíblia que Jesus lia. Trad. Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2000.